

## CANÇÕES DO interior

Mônica Salmaso lança o projeto *Caipira Online*, com a participação de artistas convidados que destacam o cancionário do campo

» IRLAM ROCHA LIMA

**M**ônica Salmaso, uma das maiores intérpretes da MPB, pertence ao naipe que se insere entre a velha guarda e a nova geração de cantoras brasileiras. Seu trabalho, registrado em 12 discos e três DVDs, tem a diversidade e o bom gosto como marcas registradas. Aos 50 anos e 25 de carreira, ela demonstrou familiaridade ao emprestar sua bela voz aos afro-sambas de Baden Powell e Vinícius de Moraes, à canções de Chico Buarque, ao ambiente sonoro de Guinga e Paulo César Pinheiro e à delicadeza do lirismo proposto por diferentes autores.

Com a idealização e gravação do álbum *Caipira*, lançado em 2017, incorporou ao seu trabalho o universo rural e, de lá, trouxe cantigas que foram criadas e registradas originalmente por J. Cascata (Minha palhoça), Renato Teixeira (Amanheceu, peguei a viola), Xangô da Mangueira (Moro na roça). Incluiu também no repertório composições de Tom Zé (Menina, amanhã de manhã), Chico César (Beradero) e Sérgio Santos (Voz), entre outros.

“Quando fiz esse disco, pensava naquele brasileiro do interior do país, mas que também traz o interior de si mesmo. A relação com a natureza faz parte da vida dessas pessoas de uma forma diversa. Elas possuem um ponto de

vista físico amplo, o que amplia também seu próprio universo interior”, destaca Mônica. “O espaço de contemplação para fora também reflete para dentro. Queria entrar em contato com isso”, acrescenta.

Por conta da pandemia, Mônica precisou interromper a turnê que tinha, igualmente, o nome do disco. Aí surgiu a ideia de levar o conteúdo do projeto — em outro formato —, para as plataformas digitais, sob o título *Caipira Online*. Realização de *Ô de Casas Produções Artísticas* e dividido em quatro partes, a cantora conta com a participação de convidados. Sexta-feira, na estreia, ela tem ao seu lado o trio *Conversa Ribeira*, formado por Andrea dos Guimarães (voz), João

Paulo Amaral (viola e voz) e Daniel Muller (piano e acordeão). No segundo episódio é a vez do violeiro Paulo Freire; na terceira apresentação quem toma parte é o violonista mineiro Sérgio Santos; enquanto no encerramento há a presença do cantor, compositor, ator e apresentador Rolando Boldrin.

“É uma alegria ter como convidado especial no *Caipira Online* o grande artista Rolando Boldrin, com toda a vida dedicada à valorização da cultura popular brasileira, mostrando o que temos de mais forte e rico, de mais único e potente em termos de identidade. Para mim, Boldrin é um gigante brasileiro, alguém que merece todas as reverências.”

### CAIPIRA ONLINE

Projeto com apresentação de Mônica Salmaso e a participação de convidados. Estreia dia 19, às 21h, nas plataformas digitais. Ingressos conscientes por meio do canal Sympla direto do QR code durante a exibição.

## ENTREVISTA / MÔNICA SALMASO

**Aos 50 anos de idade e 25 de carreira, você dedicou metade de sua vida à música. Que avaliação faz desta jornada artística?**

Tenho muito orgulho desta minha jornada, feita tijolo a tijolo, do meu jeito de formiga trabalhadora. Gosto de ter formado um público lindo e variado, que chegou ao meu trabalho e ainda chega por identidade, unicamente. Tive sorte de saída ao aceitar (ainda que sabendo da responsabilidade que isso pedia) fazer um primeiro disco em duo com um grande músico, muito mais experiente, muito mais sabedor de música do que eu, o Paulo Bellinati. Mas, a partir deste trabalho, muitas portas se abriram, conheci muita gente incrível, fiz laços, aprendi muito e pude fazer a minha estrada musical.

**Você cantou os afro-sambas de Baden Powell e Vinícius de Moraes, no disco de estreia; Chico Buarque em *Noites de gala*, samba na rua; o lirismo da MPB em *Alma lírica*; e Paulo César Pinheiro e Guinga, no *Corpo de baile*. Já em seu álbum mais recente, focaliza o universo caipira. A diversidade deve ser vista como a marca registrada do seu trabalho?**

Acho que as marcas registradas do meu trabalho são meu amor à música brasileira, a minha liberdade de criar e de aceitar projetos com os quais me identifico e as parcerias musicais incríveis. Há verdade absoluta nas minhas escolhas e há o compromisso também absoluto que eu tenho comigo de fazer

sempre o meu melhor. Mas são as coisas que definem, não só os meus trabalhos como o desenho inteiro da minha carreira até aqui.

**Foi sua origem interiorana que a levou a gravar o álbum *Caipira*?**

Na realidade minha origem é urbaníssima. Nasci na cidade de São Paulo, mas tudo que diz respeito ao Brasil dos interiores, folclores, religiosidades, sempre me emocionou profundamente. O *Caipira* nasceu de um show que fiz dedicado a esse universo e para o qual o violeiro, escritor e compositor Paulo Freire (que estava no show) me mostrou um apanhado maravilhoso de músicas. Ali, eu entendi o tamanho desse universo, encomendei a ele, formalmente, uma pesquisa, que é uma playlist enorme de músicas e que foi de onde eu parti para compor o repertório do CD.

**Obviamente, as músicas de compositores como Gilberto Gil, Roque Ferreira, Chico César e Xangô da Mangueira foram adaptadas para a linguagem utilizada no disco. As incluiu no repertório porque têm a ver com a proposta do trabalho?**

O CD *Caipira* é o meu olhar artístico, com toda a liberdade criativa que eu tenho que ter, sobre o universo desse Brasil dos interiores. Essas canções, embora não tenham “nascido” caipiras, tem para mim sentido no repertório do CD. Não fiz um trabalho acadêmico sobre a música caipira. Fiz a minha homenagem artística. Então, para

mim, elas couberam e são importantes neste projeto.

**Pelo visto, utilizou bem o longo período da quarentena, decorrente da pandemia, ao desenvolver o projeto *Ô de casas*. Valeu a pena?**

A vivência da pandemia provocou um enorme deslocamento na vida de todos. Claro, em diferentes graus, com diferentes condições de sobrevivência e de cuidados (como ficou claro, visível e inegável). Essa experiência só poderá valer a pena, em nome de tantas perdas e de tantas dores, se for transformada em consciência. O *Ô de casas* foi a forma que eu encontrei, com a generosa participação de tantos amigos que conheço e que admiro, de estar perto das pessoas, de ajudá-las a atravessar esse momento, de mostrar o quanto a arte é fundamental na vida de todos e o poder que ela tem de nos organizar, de nos curar mesmo. Foi uma coisa nascida no improviso que virou o meu remédio e que me fez respirar, seguir viva na música, trazer de volta uma identidade de Brasil que está ameaçada, encontrar meus amigos, mesmo à distância, e fazer uma rede de afeto por intermédio da música.

**No dia 19, há estreia do *Caipira Online*. O que esta nova série propõe?**

Nós ainda estávamos fazendo a turnê do CD *Caipira*, patrocinados pela Icatu por meio da Lei Rouanet, quando veio a pandemia, e quatro espetáculos tiveram que ser cancelados. Ficamos esperando a pandemia passar

